

SACI, A ORIGEM

ILAN BRENMAN



Resenha

Nascido de dentro de um broto de bambu mordiscado por uma onça, um menino de pele negra surge na floresta, conhecendo profundamente cada cor, gosto e cheiro da mata. É batizado Saci por uma velha indígena, sábia adivinha, que o presenteia com dois objetos que o caracterizariam: um gorro vermelho e um cachimbo. Cada vez que coloca o gorro na cabeça, rodopia depressa, criando um redemoinho – pequeno turbilhão que lhe permite aparecer e desaparecer quando e onde quiser, além de ajudá-lo a fugir de qualquer garrafa que o tente aprisionar. Um golpe particularmente forte em um jogo de capoeira arranca sua perna – é quando Saci adquire sua mais notável característica física e passa a se mover pulando com uma perna só, com uma agilidade inigualável. Ao final da história, Saci se encontra com o menino Pedrinho, personagem do Sítio do Picapau Amarelo, e a obra termina num jogo de intertextualidade.

Em *Saci, a origem*, Ilan Brenman propõe uma narrativa possível para o surgimento de um dos personagens míticos mais representativos do imaginário brasileiro, o Saci. A opção por introduzir uma anciã indígena que nomeia o protagonista talvez seja uma referência simbólica à origem indígena do mito. Saci Pererê vem de Jaci Jaterê (ou Yasy Yaterê), entidade tradicional do povo guarani, protetor da floresta que também se faz presente na tradição de



Coordenação:
Maria José Nóbrega

povos guaranis de países vizinhos, como Uruguai, Paraguai e Argentina. No Brasil, o Saci, a partir do século XVIII, se torna uma entidade sincrética e adquire novas características ao entrar em contato com o universo africano e europeu – algo sugerido por Ilan Brenman por meio dos outros personagens que o menino encontra no caminho: uma roda de jogadores de capoeira e um personagem de Monteiro Lobato.

Depoimento

De Maria Fernanda Pinto,
professora e mãe

Somos uma família de caipiras na cidade grande. Mesmo debaixo dessas roupas e cabelos bem urbanos, mora um corpo que se acocora no quintal para seguir prosa, planta em qualquer terrinha que encontra e não dispensa uma boa história bem contada. E como não poderia deixar de ser, esse imaginário interiorano ancorado no peito vai sendo transmitido aqui e ali nos causos ouvidos dos velhos, em memórias intensamente presentes nestes tempos que semeiam distância.

Foi assim que Dandara conheceu o Saci: ele morava no fundo do quintal da minha infância. E assoviava por entre os pés de cana ao cair de todas as noites. Quando vim para São Paulo, o peralta logo se aprontou para vir junto; tornou-se um pequeno boneco de pano e rodopiou pela cidade pendurado na minha mochila. Hoje, ele mora na janela de Dandara. E foi debaixo de seu redemoinho que nos aventuramos pelas páginas de *Saci, a origem*.

O encanto foi imediato. Primeiro com as cores e as formas que a natureza assumiu pelas mãos talentosas de Guridi. A pequena gostou tanto das folhagens brotando de todos os cantos e imaginou, contente, que o menino teria muitos lugares para se esconder, assim como os passarinhos, camuflados pela mata.

A vida do nosso Saci ia se apresentando de maneira renovada na contação de Ilan Brenman. Nos deleitamos! Era uma nova história e era também uma história do coração. A presença da velha feiticeira e de sua sabedoria indígena, a chegada do gorro e a descoberta do que era, afinal de contas,



um cachimbo, foram celebradas com contentamento. Para ela, foi um baita alívio descobrir que até o Saci teve que aprender a rodar sem cair! Ufa.

Mas na hora que o Saci perdeu a perna, a menina protestou:

– Não foi assim que aconteceu!

Parei a leitura e pedi que contasse sua versão da história. Para minha surpresa, Dandara se lembrava dos cordelistas do Vale do Paraíba, em especial, de seu Ditão Virgílio. Foi lá para as terras de São Luís do Paraitinga, morada de uma de suas bisavós, que a pequena viajou para buscar a explicação sobre a perna perdida de nosso Saci.

Muito segura de si, ela me contou que, nos tempos antigos, o Brasil era coladinho à África. Eu concordei. Foi então que ela me disse que o Saci gostava muito de brincar nessas terras. Até que um dia teve um terremoto, um mexidão tão grande no mundo, que a terra se separou. E não é que, naquele momento, o Saci brincava bem no lugar que o mundo rachou? O menino foi abrindo a perna, abrindo, abrindo, até que não deu mais: ele acabou vindo pelo mar, junto com o Brasil, enquanto sua perna ficou lá, plantada na África.

Que beleza de história! E não teve conversa. Pelo jeito, nem Câmara Cascudo iria convencê-la. Como bem nos lembrou Ilan Brenman, quem conta um conto, aumenta um ponto. Taí o ponto dado por Ditão Virgílio e recontado pela caipirinha daqui de casa.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br

Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Aprendendo com o aprendiz e outras histórias de mestres e alunos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A sabedoria do califa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Silêncio: Doze histórias universais sobre a morte*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *As 14 pérolas da sabedoria sufi*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *O presente de Jaxy Jateré*, de Olivio Jekupé. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Ajuda do Saci Kamba'i*, de Olivio Jekupé. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Joty, o tamanduá*, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.
- ✦ *Exu: dois amigos e uma luta*, de Mighian Danae. Mairiporã (SP): Arole Cultural.
- ✦ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

 MODERNA

